



Ocupação de terra urbana em Parintins: formação do bairro de Itaúna I

Lucineli de Souza Menezes¹

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre a luta por ocupação de terra urbana em Parintins – Amazonas com objetivo de moradia que culminou com a formação do bairro de Itaúna I. Especificamente, utilizando recursos da metodologia da História Oral, verifica - se, através de entrevistas com alguns participantes, as motivações do movimento de ocupação; a relevância do envolvimento de membros da Igreja Católica no grupo articulador e nas negociações da ocupação e a expansão territorial e demográfica que ocorreu em Parintins a partir do acontecimento em estudo.

Palavras-chave: moradia; lutas sociais; ocupação de terra.

Este trabalho traz reflexões sobre as estratégias desenvolvidas pelos grupos subalternos da sociedade que se organizam para lutar por direitos sociais utilizando-se de meios não “ortodoxos” para conseguir seu intento. De forma especial se dedica à análise do processo de organização do movimento social de ocupação de terra urbana com a finalidade de moradia que se constituiu na cidade de Parintins, no Amazonas.

Nesta ocasião, um grupo de famílias que pretendia adquirir terrenos para construção de suas casas ocupou uma antiga fazenda abandonada, na periferia da cidade, conhecida pelos parintinenses como “Fazenda Itaúna”. O trabalho busca narrar as diferentes estratégias organizadas pelos atores sociais envolvidos no movimento com a finalidade de divulgar seus ideais e se fazerem ouvir e atender pelo poder local constituído.

As questões que se referem à disputa pelo direito a terra marcam profundamente a história do povo brasileiro em diferentes momentos. Mais recentemente esse tema, que na maioria das vezes estava ligado à terra rural, vem ganhando espaço e sendo abordado também em relação à terra urbana com fins de moradia. O tema integra as preocupações da sociedade contemporânea.

¹ Mestra do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam). Professora efetiva da Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas (SEDUC). **E-mail:** lucineligoes@hotmail.com



No contexto em que se considerou realizar estes estudos, Parintins, município amazonense, localizado a 367 km da capital, Manaus, até o ano de 1991 havia uma área de terras que se constituía em um castanhal pouco explorado, conhecido pelos parintinenses como "fazenda Itaúna" pertencente ao empresário Paulo Corrêa, que morava em Santarém, no Pará. Área de floresta secundária², de ambiente alagadiço, e com formações em capoeiras, cortada por vários riachos que serviam de refúgio para grupos de pessoas que nos fins de semana para lá se dirigiam com finalidade de lazer.

No dia 24 de janeiro de 1992 um grupo em torno de mil famílias, lideradas pelo radialista Everaldo Batista³ adentraram nas terras da Fazenda Itaúna, mas em um curto espaço de tempo já havia em cerca de cinco mil famílias na área.

Para pesquisa e análise dos acontecimentos em estudo foram utilizadas as fontes orais na tentativa de tornar esta atividade mais democrática, menos determinista e resgatar o indivíduo como sujeito do processo histórico a partir das palavras dos que vivenciaram e participaram do acontecimento, a partir de suas percepções e memórias individuais, de sua forma de reinterpretação do passado vivido, ou seja, dando voz aos subalternos como "uma alternativa à história oficial". (FREITAS, 2003, p.83).

Considerou-se estudar nesta pesquisa as motivações dos participantes deste episódio de ocupação que resultou na formação do bairro Itaúna I, a relevância da participação de membros da Igreja Católica no movimento e as transformações territoriais ocorridas na cidade de Parintins após a citada ocupação.

As condições favoráveis à ocupação

O acelerado crescimento populacional em Parintins, como no Brasil, proporcionou o surgimento de bairros periféricos gerando um tipo de expansão territorial excludente dos pobres dos centros urbanos para áreas mais afastadas, menos atingidas pela assistência básica governamental. Este crescimento encontra-se

² **Floresta secundária** é uma floresta ou mata que se tem recultivado após uma grande perturbação, como fogo, corte de madeira ou devido ao vento, por um período longo o suficiente para que os efeitos da perturbação já não sejam evidentes. In: ROSENTHAL, Elisabeth. "New Jungles Prompt a Debate on Rain Forests". **The New York Times**, New York, January 29, 2009, Science: Page 1. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2009/01/30/science/earth/30forest.html>. Acesso em: dezembro de 2016.

³ Everaldo Silvério Batista Coelho, 55 anos, autônomo, nascido em Parintins, considerado um dos principais líderes do movimento da primeira ocupação da Fazenda Itaúna.

históricamente atrelado ao desenvolvimento do capitalismo industrial (ENECOM⁴, 2011).

A formação do bairro de Itaúna I, em Parintins pode ser como exemplo do processo acima citada. No dia 24 de janeiro de 1992, por volta das doze horas, um grupo de famílias, lideradas por Everaldo Batista adentraram nas terras de Itaúna e ocuparam a área.

Conforme entrevista com os participantes do movimento, foi informado que a ideia de ocupação nasceu em um grupo de pessoas residentes à Rua Itacoatiara, no bairro de Palmares. As referidas pessoas buscavam uma solução para a situação em que viviam, morando no fundo do quintal de outrem ou pagando aluguéis que já não conseguiam manter. Maria do Desterro⁵, 58 anos, revela que,

Na noite de 15 de outubro de 1991 aconteceu uma reunião em uma casa na Rua Itacoatiara com um pequeno grupo de pessoas que queriam encontrar uma solução para resolver seus problemas de moradia e nessa mesma reunião foi formada uma pequena comissão com o objetivo de encontrar algum político que aceitasse assumir a nossa causa. (Entrevista, 2016)

Maria Santarém⁶, apontada por Ambrósio Firmino e Maria do Desterro como a primeira pessoa que falou em ocupar terra urbana para construir casas, conta que sua motivação a ter essa ideia foi mesmo a necessidade de ter uma casa. A mesma conta que trabalhava como cozinheira em um barco que fazia viagens para Belém, no Pará, seu salário não supria todas as despesas, de forma que em uma de suas viagens, quando chegou em casa, seus filhos haviam sido despejados. Este fato a instigou a procurar uma solução para essa sua necessidade. Quanto ao surgimento da ideia de ocupação, Maria Santarém diz,

⁴ 32º Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação – ENECOM, realizado em Belém do Pará nos dias 22 a 29 de Julho de 2011.

⁵ Maria do Desterro Teixeira Roberto, 58 anos, feirante, natural de Parintins. A entrevista foi realizada pela pesquisadora no local de trabalho da colaboradora em 18/06/2016

⁶ Maria Santarém Gama, 59 anos, cozinheira marítima, natural de Juruti Velho – PA. Uma das principais lideranças do movimento da primeira ocupação da Fazenda Itaúna. Considerada idealizadora do movimento da primeira ocupação da Fazenda Itaúna. A entrevista foi realizada pela pesquisadora na residência da colaboradora em 20/08/2016.

Olha pra falar a verdade eu não sei, eu acho que foi Deus que me deu essa ideia, foi Deus porque outro não foi, nós vamos invadir em Parintins. Às vezes a gente ouvia falar que invadiam em Manaus né, mas eu nunca vi, nunca estive numa invasão, nunca acompanhei uma invasão... Foi Deus mesmo! (Entrevista, 2016).

Após a reunião, na manhã do dia 16 de outubro, a comissão saiu em busca de algum político ajudá-los. Tentaram falar com o então deputado estadual Raimundo Reis Ferreira, porém, não o encontrando tentaram outro, mas, não conseguiram contactar com o mesmo, voltaram ao comitê do deputado, este ainda não havia chegado. Devido a tal empecilho de por seus planos em prática, estavam voltando para casa quando encontraram na saída do comitê o senhor Everaldo Batista, que não exercia nenhum cargo político no momento, mas, ouviu suas reivindicações e aceitou o convite para participar de uma reunião do grupo.

Everaldo Batista afirma, “a ideia não foi minha, eu abracei a ideia”. Conta que se encontrava no comitê do deputado Raimundo Reis quando entrou em contato pela primeira vez com um grupo de pessoas, liderado por Maria Santarém, que a ele se dirigiu lhe contando o motivo de ali estarem a procura do deputado Raimundo Reis, Everaldo conta que,

Eles, ela me disse... eles disseram que estavam falando em nome de algumas famílias para as quais certo candidato a prefeito, durante sua campanha eleitoral, havia prometido moradia, porém seu mandato estava chegando ao final do terceiro ano e não foi cumprida a promessa. Essa promessa de moradia em tempos políticos, isso não é de agora, isso vem de muito tempo.

Por ter ficado interessado no assunto e curioso para saber mais, Everaldo informa que foi convidado para comparecer na reunião que ocorreria naquela noite. Chegando ao local deparou-se com um pequeno grupo de dez famílias que lhe narraram sobre suas ações e pretensões e informaram que havia muito mais famílias, que aquela reunião era somente com os representantes das famílias e o convidaram para somar forças com os mesmos na condição de porta voz do grupo, convite que foi prontamente aceito.

Sob a liderança de Everaldo Batista o grupo passou a se encontrar todas as sextas-feiras com objetivo de montar estratégias para reivindicar a efetivação de seus

direitos a moradia. No início de dezembro contavam com o número aproximadamente de trezentas pessoas.

Como parte das atividades planejadas, foram realizadas manifestações nos meios de comunicação, contato com vereadores e prefeito da época, o senhor Enéas Gonçalves Sobrinho. Segundo o colaborador Ambrósio Firmino⁷ lhes foi solicitado pelo prefeito que os mesmos fizessem um levantamento de quantas famílias se encontravam sem moradia. A lista composta por 656 famílias foi entregue ao prefeito que lhes informou para aguardarem uma negociação do prefeito com o governador do Amazonas na época, Gilberto Mestrinho.

Por ocasião de entrevista⁸ com o ex-prefeito Enéas Gonçalves Sobrinho, o mesmo contesta esta versão de que se encontrou com os ocupantes da Fazenda Itaúna e deles solicitou uma lista com os nomes dos pretendentes a ganhar lotes de terras urbanas para construção de casas, e afirma que só entrou em contato com estes após ter ocorrido a ocupação, o ex-prefeito diz que,

Essa tal audiência nunca aconteceu, eu tinha conhecimento de que estavam acontecendo reuniões inclusive com algumas tonalidades políticas que vinham de pessoas que pretendiam ser candidatos a prefeito e a vereador em Parintins, era 1992, era um ano de eleições⁹. Nunca tomei conhecimento de caminhadas ou qualquer outro tipo de manifestação dirigida à Câmara Municipal de Parintins solicitando de desapropriação de terra para moradia.

As contradições nas informações observadas nas entrevistas dos colaboradores, longe de desmerecerem crédito à pesquisa, são enriquecedoras considerando-se que a memória é seletiva e articulada de forma subjetiva. Cada sujeito é uma construção de seu tempo e espaço, capaz de articular sua visão a partir da realidade vivida, a partir do lugar que ocupa na sociedade, conforme Alessandro Portelli (1997: 16) essa subjetividade, “desqualificante”, é até desejada, pois

⁷ Ambrósio Firmino dos Santos, 62 anos, pedreiro, natural de Santarém – PA. Um dos líderes do movimento da primeira ocupação da Fazenda Itaúna. Foi o primeiro presidente da Associação de Moradores do Bairro de Itaúna I. A entrevista foi realizada pela pesquisadora em uma sala da Universidade do Estado do Amazonas em 28/05/2016.

⁸ Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho, advogado, 61 anos, natural de Parintins. Prefeito de Parintins por duas gestões (de 1989 a 1992 e de 2001 a 2004). Em sua primeira gestão ocorreu a primeira ocupação da Fazenda Itaúna. Entrevista realizada pela pesquisadora na residência da genitora do colaborador em 05/12/2016.

⁹ Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho. Entrevista realizada pela pesquisadora na residência da genitora do colaborador em 05/12/2016.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Assim a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadros são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido.

O tempo passou, ocorreram as festas natalinas e de fim de ano e o grupo não recebeu mais nenhum comunicado de como andavam as negociações sobre a possível desapropriação de terras para serem distribuídas, como lhes havia sido prometido. Maria Santarém comenta que as reuniões tinham prosseguimento e os participantes demonstravam cada vez mais inquietação com a demora e o silêncio do executivo municipal.

A colaboradora Maria Santarém conta que “algumas pessoas me diziam que tinha se tornado tudo uma grande mentira, que não ia mais acontecer e eu dizia, tenham calma, nós vamos invadir se eles não negociarem com a gente, nos vamos invadir sim.” (Maria Santarém, 59 anos, entrevista, 2016).

No dia 23 de janeiro de 1992 uma nova reunião do movimento foi realizada onde concordaram em não mais esperar as decisões do governo e iniciar imediata ocupação da área da fazenda Itaúna. Em 24 de janeiro de 1992 as famílias iniciaram a ocupação da área anteriormente escolhida.

Na opinião dos entrevistados participantes do movimento, a ocupação da área do Itaúna foi realizada por pessoas das classes menos abastadas que, por não possuírem casa própria, moravam em casas alugadas, junto com os pais ou sogros, e ainda por pessoas que migraram das comunidades rurais e outros pequenos municípios localizados nas cercanias de Parintins em busca de melhores condições de vida. De acordo com o ENECOM (2011:05),

A questão habitacional vem se constituindo em um problema significativo nas cidades, principalmente para aquelas que nos últimos anos alcançaram um notável crescimento demográfico. A formação de espaços segregados revela que as contradições urbanas colocaram na agenda do Estado a necessidade de uma intervenção por meio de uma política pública de habitação.



Orientados pelos líderes do movimento, as famílias ocupantes construíram barracos utilizando madeiras extraídas da vegetação local, com plástico e papelão, na tentativa de delimitar e assegurar seu espaço, temendo que outras famílias os ocupassem; havia ainda o medo de, a qualquer hora serem retirados pela polícia como havia sido anunciado pela juíza de direito da época, Dra. Denilza Maria Bezerra.

Sem poder sair para procurar trabalho os pais de família permaneciam em seus barracos, sem água, sem alimento e sem a menor estrutura necessária para sua sobrevivência. Neste contexto fica evidente no depoimento dos entrevistados a presença direta de membros eclesiais da Igreja Católica parintinense na pessoa de Pe. Gino Malvestio, padre do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras- PIME, italiano, pároco da paróquia de São José Operário, à qual pertencia a área ocupada.

Igreja Católica: uma parceira bem vinda

Demi Azevedo (2004) sugere que, no Brasil, a Igreja Católica, por meio das ações da Assembleia Geral dos Bispos do Brasil – CNBB - exerce posição ativa na articulação da sociedade civil defendendo os direitos humanos, a democracia, a reforma agrária e os direitos dos trabalhadores. Essas atividades conduzem a Igreja a uma integração com a sociedade civil e os movimentos sociais. “A prática gerada por esse processo leva a Igreja a direcionar a sua atuação, na sociedade brasileira, a partir da situação dos pobres e dos excluídos.” (AZEVEDO, 2004, p. 112).

Ao se recorrer aos registros do livro de tombo da paróquia de São José Operário, é perceptível essa ideia da “opção preferencial pelos pobres e excluídos”, quando se lê em uma página não datada, registrado entre os dias 22 e 27 de janeiro de 1992, padre Gino se reporta à ocupação da Fazenda Itaúna, onde escreve que tomou conhecimento do ocorrido e foi conversar com o bispo de Parintins, D. João Rizzatti, de quem recebeu a orientação de seguir “a posição da doutrina social da Igreja”.

O padre diz que lhe foi informado a existência de 1.200 famílias no local, que está preocupado com os acontecimentos e com que atitude deve tomar, mas afirma que “a coisa melhor parece-me a presença atenta e amorosa do vigário com a ajuda dos leigos” (Pe, GINO, 1992. s/d).



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



A Doutrina Social da Igreja (DSI) é o conjunto dos ensinamentos que se encontram em diversos documentos produzidos pelo Magistério da Igreja Católica onde este se pronuncia com a finalidade de fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e das nações e desejosos de que os todos os homens sejam direcionados a agir de acordo com os ensinamentos de Cristo em todos os âmbitos de sua vida e se tornem construtores responsáveis de uma sociedade mais igualitária, não baseada nas soluções ideológicas capitalistas ou comunistas, mas com base na dignidade da pessoa humana, conforme Cristo a definiu, como filhos e filhas de Deus (CIC, 2002).

A Doutrina Social formulada pela Igreja Católica sugere que seus membros, eclesiais e leigos, possam intervir nas questões sociais onde houver injustiças, miséria, incoerências, violência, opressões e questões que possam vir a causar agravos à sociedade no sentido de procurar criar consciência e discernimento das pessoas segundo a verdade sobre algum problema ou situação social (CIC, 2002).

Provavelmente influenciado pelos ensinamentos desta Doutrina Social da Igreja, padre Gino com a ajuda de Irmã Cristine, alemã, da Irmandade “Santo Nome de Maria”, organizou uma equipe de leigos pertencentes à sua paróquia com o objetivo de arrecadar roupas, água e alimentos para tentar suprir as necessidades mais urgentes e para encaminhar os casos mais preocupantes de doenças ao hospital Padre Colombo, de responsabilidade da Diocese de Parintins.

O proprietário da fazenda Itaúna entrou na justiça com um pedido de reintegração de posse e ganhou a causa. Completado o tempo concedido pela justiça para que os ocupantes se retirassem das terras, a polícia foi para o Itaúna executar a ordem judicial, mas diante da recusa dos “invasores” em deixar a área aconteceu um conflito generalizado. Líderes do movimento foram presos e barracos foram derrubados e incendiados. Padre Gino Malvestio interveio em favor das famílias, conforme relata a colaboradora Iolene Pereira¹⁰, ocupante ouvida neste estudo:

¹⁰Iolene Pereira Mendes, 50 anos, comerciante, natural de Urucurituba. Tesoureira na primeira gestão da Associação de Moradores do Bairro de Itaúna I. A entrevista foi realizada pela pesquisadora na residência da colaboradora em 24/04/2016.

As pessoas se agarravam ao padre para não serem presas. O padre, quando viu o desespero das pessoas, se colocou na frente e disse para o motorista de um dos tratores que ele não ia mais derrubar nenhum barraco, a não ser que, derrubasse o padre primeiro. (Iolene Pereira, Entrevista, 2016).

Os relatos colhidos sugerem que esse gesto de Pe. Gino foi um convite muito bem aceito àquele povo que, perdendo o medo, posicionou-se ao lado dele gritando palavras de ordem e impedindo a continuação da derrubada das barracas. Iluio Temples, referindo-se a esse episódio afirma que,

Entraram com trator revirando tudo, derrubando casa, tiraram tudo mesmo, dava dó de ver. Prenderam o Everaldo, as pessoas corriam para sair da frente do trator, a polícia invadiu a favor do latifundiário, ninguém veio defender nós, só não foi mais gente preso porque o padre Gino estava aqui, o padre gritava, não façam isso, tem criança, foi muito triste, o padre foi o nosso protetor! (Iluio Temples, Entrevista, 2016)

Com base nos relatos pode – se supor que a presença do referido padre arrefeceu os ânimos exaltados de policiais e autoridades. Abriram-se pressupostos para conversações que possibilitaram aos ocupantes do Itaúna melhores condições de negociação para a conquista do direito à moradia.

Conforme Orlando Alves dos Santos Junior (2001) “as desigualdades sociais produzem desigualdades nas condições de exercício da cidadania e, portanto, desigualdades de poder” e isto tem interferência no que o autor chama de habilitação social dos atores sociais (SANTOS JÚNIOR, 2001, p. 98).

Sobre esse episódio da reintegração de posse padre Gino registrou no livro de tomo da paróquia de São José Operário, no dia treze (13) de maio, suas impressões com o seguinte texto:

Vi com os meus olhos hoje de manhã um povo sem vez e sem voz aos olhos dos homens, mas aberto aos sentimentos humanitários e cristãos. E contra este povo pequeno e simples que está à procura do mínimo que o homem tem direito, autoridades sem compaixão, guiados só em defesa da lei... E em nome da lei agem sem coração considerando o pobre como o pior ladrão do mundo. Não era absolutamente necessário os numerosos soldados... medo de que e de quem? Não era necessário um grande trator, para derrubar o que? Uma mísera barraca de palha? Não era necessário o fogo... para queimar um feixe de palha? Aquilo que o povo de Parintins quer é que se use a inteligência e o coração, ou melhor, um diálogo amigável. (Pe. Gino)



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Após o episódio da reintegração de posse teve início um longo processo de negociação formou-se uma comissão de líderes que representavam os interesses do “povo do Itaúna”, entre eles estava padre Gino, com o evidente apoio de D. João Rizzatti, bispo de Parintins e alguns leigos engajados. As negociações chegaram ao fim quando o então prefeito Enéas Gonçalves Sobrinho determinou a desapropriação, indenização das terras em litígio e efetivação legal de posse aos ocupantes.

Na região da antiga “fazenda Itaúna”, que a princípio foi chamado simultaneamente de Bairro da Promessa, motivado pela ideia de que a ocupação ocorreu pela falta de cumprimento de promessa feita pelo prefeito em campanha eleitoral; e Bairro da Conquista, uma referência à luta vitoriosa dos ocupantes que conquistaram seu objetivo de conquistar um pedaço de terra para construção de moradias surgiu o bairro de Itaúna I.

A formação do bairro de Itaúna I foi apenas o início de uma ação que continuou ocorrendo ao longo de quase uma década de ocupações que originaram os bairros de Itaúna I, Itaúna II, Paulo Corrêa e Bairro da União. Atualmente encontra-se em curso uma nova ocupação em área continua aos quatro bairros citados, em uma área conhecida como Castanhal. A partir da primeira ocupação urbana na cidade de Parintins, 1992, pondera-se que a condição de ocupação da fazenda Itaúna, passou a fazer parte do crescimento da cidade sendo responsável pelo povoamento de muitas áreas, fazendo surgir novos bairros, todavia neste estudo nos dedicamos apenas a analisar o surgimento do bairro Itaúna I.

Neste cenário de omissão do poder instituído em que proliferam as ocupações que vão construindo a espacialização urbana de forma arbitrária, mas seguindo uma lógica definida pelos ocupantes, a partir de suas próprias necessidades e convicções políticas de luta pela sobrevivência, essas ocupações irregulares transformam-se em alternativas para enfrentar a ineficácia de políticas habitacionais locais e têm sido compensadas pela legitimação de ações sociais, permitindo que áreas ocupadas de maneira ilegal sejam precariamente acolhidas pelo planejamento urbano e seus ocupantes se tornem proprietários definitivos dos lotes.



Esses quatro bairros são habitados, em sua maioria por famílias carentes, necessitadas de assistência médica, educacional, de urbanização, policiamento, de emprego, enfim uma infraestrutura que atenua a desigualdade social evidente e leve mais dignidade a esta população que carrega uma série de estigmas impostos pelos que ali não residem.

A Igreja Católica foi uma das primeiras instituições a envolver-se no movimento, primeiramente prestando assistência básica, arrecadando roupas, cobertores, alimentos, e remédios. Em seguida envolveu-se diretamente nas diversas manifestações de defesa do direito à moradia para os ocupantes nos meios de comunicação. Padre Gino Malvestio, pároco da paróquia de São José, onde estava localizada a área do Itaúna, tornou-se um dos membros da comissão de negociação para a efetivação das famílias na terra da antiga “fazenda Itaúna”.

Com a finalidade de marcar sua presença no local foi construída um pequeno templo católico dedicado a São Sebastião, conhecido pelos católicos como “o santo guerreiro” em alusão às batalhas que o povo teria que enfrentar pela conquista do local.

Decorridos três anos desses acontecimentos deu-se nova “invasão” no local, nesta ocasião foi reservado um terreno mais amplo para onde se transferiu a igreja de São Sebastião que foi construída em madeira e encontra-se em fase de reconstrução, com alvenaria. No local da antiga igreja funciona um centro social comunitário.

Atualmente os bairros que se formaram na antiga fazenda Itaúna estão pulverizados com muitos templos, os católicos são: no bairro Itaúna I, Santo Antonio e Santa Maria; no Itaúna II, São Sebastião e Nossa Senhora das Graças; no Paulo Corrêa estão as igrejas de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Fátima; no bairro da União fica localizado o templo da Sagrada Família. Existem ainda as mais variadas denominações cristãs, espíritas, e religiões afro-brasileiras.

Bairro Itauna I: expansão territorial e demográfica

O município de Parintins é um município brasileiro, segunda maior cidade do estado do Amazonas O município possui dois distritos: Vila Amazônia e Mocambo.

Limita-se ao norte com o Nhamundá; ao sul com Barreirinha; ao leste com o estado do Pará e a oeste com Urucurituba.

. Dados do censo de 2010¹¹ dão conta de que a população de Parintins, neste ano atingiu 102.033 habitantes em uma área de 5.952 km². Desse total populacional, 69.890 residem no perímetro urbano e 32.143 habitam a área rural (**Tabela 1**). Considerando que os quatro bairros (Itaúna I, Itaúna II, Paulo Corrêa, e União) que se formaram na área da antiga fazenda Itaúna, somado os seus habitantes, atingem o total de 27.025, afirma-se ser expressiva a demografia do território.

Tabela 1 - Bairros mais populosos da cidade de Parintins/2010

Paulo Corrêa	Itaúna II	Palmares	Itaúna I	Centro	São Benedito	Nsa. Sra. de Nazaré	São José	Francesca	Rita	Sta.
13.666	7.785	6.683	5.574	5.286	4.128	3.308	3.048	2.971	2.120	

Fonte: IBGE (2010).

Na tabela acima ainda não é possível identificar o número de habitantes do Bairro da União devido o mesmo ainda encontrar - se legalmente ligado ao Bairro Paulo Corrêa.

O bairro de Itaúna I, o quarto bairro mais populoso de Parintins, conforme tabela 1, está localizado na região sudoeste da cidade, considerado área suburbana. Uma das características geográficas marcantes são as diversas áreas alagadiças que o circundam de forma que nos períodos de cheia dos rios este ficava totalmente isolada do centro urbano, dificuldade superada pela construção de duas pontes em áreas de maior fluxo de circulação humana.

Acredita-se que o crescimento populacional do município de Parintins e a sequência de ocupações que ocorreram na Fazenda Itaúna foram fundamentais e marcaram profundamente a década de 1990 como uma nova fase de expansão territorial e demográfica na cidade. Segundo Souza (2013):

¹¹ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico 1970-2010.

Assim, o crescimento populacional contribuiu, em certa medida, para uma aceleração da expansão do tecido urbano de Parintins. A periferia da cidade foi significativamente estendida com a produção dos novos bairros, mais distantes, sobretudo na direção sudoeste, alguns, inclusive, separados da malha urbana contínua por mananciais. Para facilitar essa ampliação, houve algumas intervenções no sistema viário da cidade com pavimentação de ruas em áreas mais afastadas da porção central, construção de pontes e melhorias nas rodovias de acesso à área urbana (SOUZA, 2013, p.68).

Considera-se que o bairro de Itaúna I é um desses bairros citados por Souza (2013). A ponte do Gabião a primeira a ser construída em madeira, pelos próprios ocupantes da área de forma emergencial. Está localizada em uma área alagadiça, no meio da Avenida Paraíba e liga o bairro de Itaúna I ao centro da cidade.

A ponte Amazonino Mendes também liga os bairros que se formaram na antiga Fazenda Itaúna às áreas centrais da cidade de Parintins. Foi construída, inicialmente, com madeira pelos moradores.. Mais tarde as duas pontes foram construída em concreto e já passou por diversas reformas de acordo com as necessidades surgidas conforme o aumento das águas nas épocas de inverno na região.

A sequência de quatro ocupações de terras na área da antiga fazenda Itaúna modificou visivelmente o panorama, não somente da área em questão, mas de toda a cidade de Parintins. A área urbana teve sua estrutura c0nsideravelmente aumentada se somados os territórios dos quatro bairros constituídos. Isso é relevante não somente para as famílias que ali residem, mas para toda a população e autoridades municipais, uma vez que se trata de um episódio inédito na história do município.

Compreender esses acontecimentos pode servir como ponto norteador para as políticas públicas municipais e futuras situações de impasse a respeito da posse da terra e dos direitos do cidadão comum no município.

Considerando o contexto refletido, ha muito por fazer na área do Itaúna no sentido de melhorar a qualidade de vida dos que residem ali. Muitos estudos ainda deverão ser feitos sobre a área que, além de muito expressiva, apresenta forte ritmo de crescimento, porque o direito a moradia não se resume em uma casa para morar, mas sim, que a população também deve contar com infraestrutura básica para ter habitação de qualidade, um dos componentes do padrão de vida “digna”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro movimento de ocupação da Fazenda Itaúna é um exemplo da necessidade que as classes sociais menos abastadas da sociedade enfrentam na divulgação e conquistas de seus direitos. Por outro lado, este movimento também serve como indicador de que é possível promover mudanças sociais a partir de organização de ações populares na tentativa de superar a exclusão, a exploração e a desigualdade social que propicia a discriminação e gera menores oportunidades de emprego, dentre outros problemas, ocasionando assim uma perpetuação da pobreza e a ausência do exercício da cidadania.

O acesso informal a terra e conseqüentemente à moradia é um dos maiores problemas das últimas décadas, fortemente agravado pela falta de políticas habitacionais adequadas para atender a população mais carente. O principal agente da exclusão territorial e da degradação ambiental é a segregação espacial, que traz consigo uma lista interminável de problemas sociais e econômicos.

Não foi possível comprovar a participação de membros eclesiais e leigos da Igreja Católica no grupo articulador do movimento, porém, é evidente a importância da participação efetiva dos referidos membros no processo de negociação para que os ocupantes conquistassem o direito à moradia.

Nos estudos realizados por Amman sobre o movimento popular de bairros nos estados da Região Centro Oeste brasileira, a pesquisadora afirma que o apoio da Igreja Católica foi decisivo para que se estabelecesse os direitos de grande número dos participantes, se amenizasse os conflitos e se desse um passo na superação das desigualdades sociais e de poder entre as partes em questão.

Em Parintins, no caso da ocupação do Itaúna, pode-se também considerar que o fato de a Igreja Católica ter se posicionado em relação aos acontecimentos tornou-se um fator de equilíbrio para o desenrolar das negociações, pois é marcante o poder da referida Igreja devido ao seu pioneirismo local na educação e nos meios de comunicação de massa, é preciso considerar que por ocasião da ocupação do Itaúna a Comissão Pastoral da Terra – CPT vivia o apogeu de suas lutas reivindicatórias do



direito à terra para todos no território brasileiro, que provavelmente colaborou para esse processo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-120, Dec. 2004 Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103. Acesso em 3/11/2018.
- ENECOM. Comunicação e Movimentos Sociais. **Comunicação, Movimentos Sociais e a luta pela Moradia**. Pará 22 a 29 de Julho – 2011.
- FREITAS, Sônia Maria. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.
- HOLZ, Sheila y MONTEIRO, Tatiana Villela de Andrade. Política de habitação social e o direito a moradia no Brasil. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. **Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica**, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/158.htm>
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: Projeto História. (15) Ética e História Oral. p. 13-49. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUCSP**. São Paulo: EDUC, abril 1997.
- SANTOS JUNIOR, O. A. **Democracia e Governo Local: Dilemas da Reforma Urbana Municipal no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- SILVA, Ana Amélia. Movimentos de moradia e políticas sócias: novas dimensões da interlocução pública. In: **Movimentos sociais e democracia no Brasil “Sem a gente não tem jeito”**. Michaela Hellmann (organizadora), Editora Marco Zero, São Paulo, 1995.
- SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-23102013-120716. Acesso em: 2017-07-06.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra: experiência e memórias**. São Paulo: UNESP, 2004.